

A DICOTOMIA DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO: UM ESTUDO DO TEMPO NARRADO E DO TEMPO COMENTADO NO TEXTO JORNALÍSTICO E LITERÁRIO

Naira Carla Castro¹

Faculdades Vale do Carangola/FAVALE
Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG

Resumo: Este artigo tem por finalidade investigar a dicotomia do pretérito imperfeito do indicativo, um estudo do tempo narrado e do tempo comentado em seis textos de domínios discursivos específicos: jornalístico e literário, tendo por base os pressupostos teóricos de Weinrich (1968), Fiorin (2002) e Koch (2003). Nesses textos, o questionamento que se faz é se o pretérito imperfeito do indicativo, como categoria verbal, encontra-se presente tanto no mundo narrado quanto no mundo comentado. Com a análise, constata-se que o tempo verbal investigado, sob a teoria discursiva da temporalização, pode ser empregado nesses dois mundos.

Palavras-chave: Pretérito imperfeito do indicativo; temporalidade verbal; domínio discursivo; tempo narrado; tempo comentado.

Abstract: This article aims to investigate the dichotomy of the imperfect tense, a study of narrated tense and commented tense in six texts of specific journalistic and literary discursive domains, based on the theoretical presumptions of Weinrich (1968), Fiorin (2002) and Koch (2003). In these texts, the question that arises is whether the imperfect tense, as a verbal category, is both present in the narrated

1. Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso. “A dicotomia do pretérito imperfeito do indicativo: um estudo do tempo narrado e do tempo comentado no texto jornalístico e literário”, sob orientação da Profa. Ivete Monteiro de Azevedo.

world and in the commented world. With the analysis, it is shown that the verbal tense investigated, under the discursive theory of the verbal tense, can be used in these two worlds.

Key-words: imperfect tense, verbal tense, discursive domain, narrated tense, commented tense.

I. Introdução

A dicotomia do pretérito imperfeito entre os mundos narrado e comentado torna-se possível pelo fato de esse tempo verbal transitar nesses dois mundos manifestando traços do aspecto inconcluso, ora narrando, ora descrevendo, ora as duas formas. As manifestações distintas do referido tempo foram estudadas para este artigo em domínios discursivos específicos: o literário e o jornalístico.

Segundo Koch (2003:54), na esteira de Weinrich (1968), os tempos verbais podem ser empregados como base para diferenciação entre dois tipos de situações comunicativas: o mundo narrado e o mundo comentado.

No primeiro, o falante se distancia do seu discurso, não se comprometendo, por conseguinte, com o que é relatado, enquanto no segundo, existe um maior nível de comprometimento do falante com o que ele enuncia.

Diante disso, somos instigadas a pesquisar se, realmente, o tempo pretérito imperfeito do indicativo, como categoria verbal, empregado em sequências tipológicas, ora narrativas, ora descritivas, em domínios linguísticos específicos, se faz presente tanto no mundo narrado quanto no mundo comentado.

Em Marcuschi (2002:31), a heterogeneidade tipológica se define como a presença de várias sequências de tipos textuais num mesmo texto. Nessa heterogeneidade, verifica-se a presença da dicotomia do pretérito imperfeito.

De acordo com Fiorin (2002:158), o pretérito imperfeito do indicativo, estudado à luz da teoria discursiva da temporalização, apresenta-se ora como imperfeito descritivo, ora como imperfeito narrativo.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste estudo, tomamos o gênero literário crônica e o gênero reportagem jornalística como objetos de pesquisa: os *corpora* são compostos por seis textos, sendo três crônicas literárias e três reportagens jornalísticas. Como quadro teórico-metodológico, apoiamos-nos na teoria discursiva da temporalização.

A investigação inicia-se com um breve conceito do que se pode entender por *TEMPO*, a partir de um encaixamento histórico do processo e, em seguida, passamos a examinar a temporalidade verbal do pretérito imperfeito do indicativo nos textos selecionados.

2. O que é *TEMPO*?

Definir tempo sempre foi um desafio para o homem. Aristóteles (1999) e Santo Agostinho (1989 *apud* AZEVEDO 2008:53) analisaram o tempo sob pontos de vista diferentes: o primeiro analisou o tempo como fenômeno físico, enquanto o segundo estudou-o como um fenômeno que não tem suporte cosmológico, mas que emerge no espírito humano. De acordo com Aristóteles (1999 *apud* AZEVEDO 2008:53), é devido à percepção do movimento que nos deparamos com a percepção temporal, uma vez que o tempo está relacionado ao movimento. Portanto, o tempo não faz sentido sem a mudança, nem sem o movimento: sua medida está inserida na anterioridade e na posterioridade das ações. O tempo tem suporte cosmológico, porque está disposto nos ensinamentos da Física, que considera o tempo como sendo um processo quantitativo, expresso por grandezas.

Por outro lado, Santo Agostinho (1989 *apud* AZEVEDO 2008:54) encontrou um paradoxo na noção de tempo e nas relações entre o tempo

e a eternidade. As dúvidas emergiam das próprias falhas existentes nos preceitos da Física de Aristóteles.

Ainda segundo suas reflexões, a base para a compreensão da extensão temporal está na linguagem. Ao proporcionar ao homem a experiência temporal, a linguagem torna-se a única via para medir o tempo.

No centro da longa polêmica sobre o tempo, o sociólogo Elias (1998:27) se assenta na ideia de que o tempo é um símbolo representativo da sociedade. Os calendários instituídos pelos homens e os mostradores dos relógios asseveram o caráter simbólico do tempo. E, por essa razão, o tempo tem sido, sobretudo, um enigma para o homem.

Dentro desse contexto, o sociólogo aponta que filósofos, físicos e matemáticos tinham percepções diferentes concernentes ao tempo: Newton, por exemplo, sustentava que o tempo se constituía a partir de um dado objetivo, independente da realidade humana, enquanto o filósofo Kant afirmava que o tempo era a representação subjetiva, arraigada na natureza humana.

Censorinus (*apud* ELIAS 1998:63-64), depois de ter explicitado o “tempo absoluto”, descreveu as três dimensões do tempo na experiência humana: passado, presente e futuro:

[O tempo absoluto] é imenso, sem começo nem fim. Sempre existiu e sempre existirá da mesma maneira. Não se relaciona com nenhum ser humano mais que outro. Divide-se em três tempos: o passado, o presente e o futuro. O passado não tem entrada, o futuro não tem saída. Quanto ao presente, situado na posição intermediária, é tão breve e inapreensível, que não possui extensão própria e parece reduzir-se à conjunção do passado com o futuro. É tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser entregue ao passado.

Nessa perspectiva da tríade temporal, Elias (op. cit, 1998) considera que “o presente é aquilo que pode ser imediatamente experimentado, o passado é o que pode ser lembrado, e o futuro é a incógnita que [sic] talvez ocorra, algum dia” (ELIAS 1998:66).

Já Corôa (2005:24-25) informa que antes de haver preocupação com a língua e sua relação com a noção temporal, os lógicos, os filósofos antigos e medievais já se ocupavam com questões concernentes ao tempo. Havia dois motivos principais para essa preocupação:

- as reflexões lógicas esbarram frequentemente nas distinções dos tempos;
- o que se considera verdadeiro em um tempo pode ser falso em outro.

Decorrida a Renascença, os lógicos e os filósofos não chegaram a um consenso a respeito das relações entre a lógica e o tempo, sendo essas relações negadas de várias maneiras. Os lógicos de Port-Royal julgavam que a função do indicativo era, exclusivamente, expressar ideia de afirmação, enquanto cabia a outras partes do discurso a referência temporal. Nas concepções da lógica, defendia-se que a tarefa do verbo não era esclarecer a conexão entre passado e futuro de um acontecimento em relação ao sujeito, mas declarar a coexistência desses dois conceitos no ato de pensar.

Para Benveniste (1989:71), o tempo distingue-se em tempo físico, tempo crônico e tempo linguístico.

O tempo físico do mundo é um contínuo uniforme, infinito, linear e que cada indivíduo mensura-o pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior. O tempo crônico é o tempo dos acontecimentos englobando nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. O que denominamos “tempo” é a continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos

não são o tempo, eles estão no tempo, exceto o próprio tempo. O tempo crônico, em todas as formas de cultura humana e em todas as épocas, é uma condição necessária da vida das sociedades e da vida dos indivíduos em sociedade. Esse tempo socializado é o calendário.

E, por último, o tempo linguístico, organicamente ligado ao exercício da fala, por definir-se e organizar-se como função do discurso.

3. Tempo verbal: um estudo do tempo narrado e do tempo comentado

Koch (2003) explica o tempo verbal à luz de Weinrich (1962) que, também, toma como base a diferença entre dois tipos de situações comunicativas: o mundo comentado e o mundo narrado.

Segundo Koch (2003:54), no mundo comentado o locutor tem maior engajamento com aquilo que enuncia, isto é, existe uma atenção maior do locutor ao que é enunciado, criando um comprometimento com os interlocutores que estão diretamente envolvidos no discurso.

Já no mundo narrado, Koch (2003:54) diz que a atitude do locutor é mantida com menor comprometimento, gerando uma distância entre ele e seus interlocutores no discurso. O locutor não se responsabiliza pelo que é dito, simplesmente relata o fato.

De acordo com Weinrich, os tempos que pertencem ao mundo comentado são: presente, futuro do presente, pretérito perfeito composto e todas as locuções verbais formadas por esses tempos. Já ao mundo narrado, os tempos são: pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito, futuro do pretérito e todas as locuções em que entram esses tempos (cf. KOCH, 2003: 54).

Diante dessa explanação sobre os tempos verbais distribuídos nos tipos de situações comunicativas, Koch (2003) aponta que os tempos empregados no mundo comentado são mais recorrentes em gêneros do domínio jornalístico, uma vez que o verbo aparece no presente e que o

compromisso do locutor com o interlocutor é maior, mesmo que a ação tenha ocorrido no passado ou que ainda ocorrerá.

Weinrich (*apud* KOCH 2003:55) esclarece alguns fenômenos linguísticos através dessa teoria. Primeiro, o linguista explica que a descrição, ao fazer parte do mundo narrado, vale-se do pretérito imperfeito. E, como exemplo, citamos as descrições de ambientes e de personagens na narrativa. Se a descrição faz parte do mundo comentado, vale-se do presente. Citamos como exemplo, os textos argumentativos, críticos.

Com essas discussões sobre o tempo verbal, Koch (2003:58) afirma que “o uso dos tempos do mundo comentado torna um texto *explicitamente* opinativo, crítico, argumentativo.” Todavia, não quer dizer que não se possa opinar em textos do mundo narrado.

Segundo Marcuschi (2002:31), todo texto ocorre por meio de algum gênero textual. E todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas. Essas sequências linguísticas ou de enunciados não aparecem isoladamente em um gênero, mas paralelamente num mesmo gênero. Esse fenômeno é denominado pelo autor de “heterogeneidade tipológica”. Mas se houver a possibilidade num texto de um encontro entre gêneros, mesmo não resultando num gênero novo, o autor designa esse fato como um caso de “intergenericidade”, uma mescla de gêneros, em que a função de um passa a ser assumida por outro.

Para este Artigo, atenhamo-nos na heterogeneidade tipológica, pois a investigação da temporalidade verbal ocorrerá no gênero crônica e no gênero reportagem jornalística, atuando em duas sequências de tipos textuais: ora narração, ora descrição.

4. A dicotomia do imperfeito descritivo e do imperfeito narrativo

Em Cunha e Cintra (1985:439), o pretérito imperfeito expressa um fato passado, porém não concluído. Esse tempo expressa, também, uma

ideia de continuidade, de ação prolongada, sendo, assim, considerado o tempo que melhor atende à descrições e à narrações de acontecimentos passados, tomando por nota que nas narrações o imperfeito serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com pormenores.

De acordo com Macedo (1991:146), o pretérito imperfeito indica mais a categoria de modo que a categoria de tempo, tendo em vista que o imperfeito encontra-se no modo indicativo e no modo subjuntivo, apresentando ora como um fato real, ora como um fato duvidoso, hipotético.

Bechara (2006:251) explica que o pretérito imperfeito é o tempo da ação continuada com limites imprecisos. Nada é informado quanto ao início ou fim de um acontecimento, opondo-se ao pretérito perfeito, que fixa e enquadra a ação dentro de um tempo determinado.

Segundo Azevedo (2008:74):

O pretérito imperfeito designa um fato passado, mas não concluído. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações. Esse tempo faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante dos olhos. É um tempo não marcado, que, por não significar nem 'antes' nem 'depois', pode ocupar todo o espaço da oposição.

Conforme considera Fiorin (2002:158), o imperfeito apresenta os fatos como simultâneos, formando um quadro contínuo, ou melhor, vinculado ao mesmo momento de referência pretérito. Por isso é o tempo que melhor atende aos propósitos da descrição.

Veja os excertos que apresentam o imperfeito descritivo em textos literários, do gênero crônica, e em textos argumentativos, do gênero reportagem jornalística, respectivamente:

Crônica

(1) — **Vivia** de rabo abanando para todo mundo, mas, quando eu **entrava** em casa, **vinha** logo com aquele latido fininho e antipático de cachorro de francesa. Ainda por cima era puxa-saco. **Lembrava** certos políticos da oposição, que espinafam o ministro, mas quando estão com o ministro ficam mais por baixo que tapete de porão. Quando **cruzavam** num corredor ou qualquer outra dependência da casa, o desgraçado **rosnava** ameaçador, mas quando a patroa **estava** perto **abanava** o rabinho, fingindo-se seu amigo.

PONTE PRETA, Stanislaw. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964, p.51.

Reportagem jornalística

(2) Na manhã de quinta, a chuva finalmente parou. O sol fez as primeiras caretas e a cidade iniciou a contabilidade: 300 mortos, 25 mil desabrigados, prejuízo bárbaro. As águas baixaram e surgiu a lama. Começaram a lavagem, a vacinação contra o tifo e a varíola, o racionamento de energia. Meu cursinho pré-vestibular **ficava** no 19º andar, **eram** 19 andares diários a pé.

Folha de São Paulo, 6 de fevereiro de 2010. Caderno Opinião.

Os verbos em destaque nos fragmentos acima expressam uma característica descritiva por apresentar ações simultâneas, ligadas ao mesmo momento de referência, que é o pretérito.

Segundo Fiorin (2002:200-201) e de acordo com Imbs (1968:92 *apud* FIORIN 2002:200), encontramos o imperfeito pitoresco, também conhecido como imperfeito narrativo.

Veja os excertos que apresentam este tempo verbal, imperfeito pitoresco, retirados de textos literários, do gênero crônica e de textos argumentativos, do gênero reportagem jornalística, respectivamente:

Crônica

(3) E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, **podia** mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que **estava** sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, **começava** a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, **instaurava-se** naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

SABINO, Fernando. *O homem nu*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p.65.

Reportagem jornalística

(4) Desde o final do ano passado, a Prefeitura de São Paulo já **sabia** da ameaça de queda de centenas de árvores na capital. Para tentar controlar a situação, criou um programa de cadastramento, cujo intuito é monitorar os exemplares para evitar acidentes envolvendo quedas. Ontem, às 21h, a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) **registrava** que 141 quedas de árvores **continuavam** atrapalhando o trânsito numa delas ocorrida na quarta-feira da semana passada.

Folha de São Paulo, sábado, 06 de fevereiro de 2010. Caderno Cotidiano.

Os verbos destacados indicam que o momento de referência encontra-se explícito ([...] *agora ...naquele momento*[...] excerto (3) e “Desde o final do ano passado... *ontem*[...] excerto (4)), apontando a continuidade e a durabilidade das ações.

Esses quatro exemplos ilustram que o pretérito imperfeito é um tempo que pode ocorrer tanto no mundo narrado quanto no mundo comentado.

5. Análise dos resultados

O estudo da temporalidade verbal foi feito em gêneros textuais distintos, para isso foram selecionados seis textos, sendo três narrativos jornalísticos, retirados um do *caderno Opinião* e dois do *caderno Cotidiano*, todos do jornal *Folha de São Paulo*. Os outros três textos são narrativas literárias, cujo gênero é a *crônica*. As crônicas são respectivamente de *Carlos Drummond de Andrade*, *Fernando Sabino* e *Stanislaw Ponte Preta*. Faz-se necessário esclarecer que a escolha desses cronistas se deu, aleatoriamente, e não por razões metodológicas, assim como os textos retirados da *Folha de S. Paulo*.

Os textos jornalísticos analisados apresentaram um total de 21 verbos no pretérito imperfeito, conforme se pode constatar no gráfico abaixo. Desse total ($14/21 = 66,66\%$) deles se encontram na modalidade narrativa, ($4/21 = 19,04\%$) se encontram na modalidade descritiva e ($3/21 = 14,30\%$) se encontram em ambas as modalidades.



Gráfico (1)

O percentual de (66,66%) que equivale à modalidade narrativa ou ao tempo verbal característico do mundo narrado confirma que nessa condição o locutor se mantém com o menor grau de comprometimento, gerando uma distância entre ele e seus interlocutores no ato da enunciação. Dessa forma, o locutor simplesmente relata o fato sem se comprometer com o mesmo.

Veja o texto abaixo, que corrobora essa afirmação de Koch (op. cit., p.54):

Na zona oeste, árvore tomba e impede advogada de sair de casa

“Quero que a prefeitura se mexa e venha aqui com uma motosserra para eu poder abrir o meu portão”, diz a advogada Ione Katopodis, moradora da rua Pombal, no Sumarezinho (zona oeste), que até o fechamento desta edição **estava** sem poder sair de casa -desde às 15h30 de anteontem.

A árvore que ela **via** quando **abria** a janela do segundo andar está agora estendida na rua, impedindo a abertura da garagem.

A região foi uma das mais afetadas por quedas de árvores na cidade. Na rua Miranda de Azevedo, o telhado do consultório da dentista Angelina Migliore Rodrigues foi esmagado por uma árvore - repleta de cupins - que tombou.

“**Estava** na cara que ela **ia** cair, mas não achei que fosse cair em cima do consultório”, disse Angelina, que já pagou à vista o IPTU deste ano e calcula que o reparo sairá por R\$ 20 mil. Desde o começo de 2009, a dentista e os vizinhos já fizeram oito reclamações à prefeitura, nenhuma foi atendida.

Na Vila Madalena, Renato Palmeiras, 51, administrador de uma loja, conta que desde novembro **pedia** a poda de uma árvore na rua Hermes Fontes, que caiu na chuva de anteontem, arrancando parte

do toldo da loja e atingindo um carro. Até a noite de ontem, **era** impossível atravessar, mesmo a pé, o trecho da rua que faz esquina com a Mourato Coelho.

O manobrista Reinaldo Moura, 32, **estava** em sua cadeira, na rua Cayowaá, perdizes, na tarde de anteontem, quando viu a árvore à sua frente cair. Mais de 24 horas depois, sentado no mesmo lugar, ele **relatava** que ninguém na prefeitura **havia passado** por ali.

A reportagem viu outras árvores caídas nas avenidas Alfonso Bovero e Doutor Arnaldo.

Folha de São Paulo, sábado, 06 de fevereiro de 2010.

Caderno Cotidiano.

Todavia, conforme considera Weinrich (*apud* KOCH 2003:55), a descrição, quando inserida no mundo narrado, é caracterizada linguisticamente, também, pelo verbo no pretérito imperfeito do modo indicativo, o que se pode confirmar nos fragmentos retirados do texto acima.

- (i) “A árvore que ela **via** quando **abria** a janela do segundo andar está agora estendida na rua, impedindo a abertura da garagem.”
- (ii) “Até a noite de ontem, **era** impossível atravessar, mesmo a pé, o trecho da rua que faz esquina com a Mourato Coelho.”
- (iii) “O manobrista Reinaldo Moura, 32, **estava** em sua cadeira, na rua Cayowaá, perdizes, na tarde de anteontem, quando viu a árvore à sua frente cair.”

Além disso, conforme considera Fiorin (2002:200-201) e de acordo com Imbs (1968:92 *apud* FIORIN 2002:200), há, ainda, o pretérito imperfeito pitoresco, cuja característica é transformar a descrição do acontecimento na coisa mais relevante dentro da narrativa. Essa caracterização pode ser evidenciada no texto abaixo.

Depois da chuva

RIO DE JANEIRO - Nove da noite, 10 de janeiro de 1966, uma segunda-feira. Os primeiros trovões rugiram quando eu **saía** da casa de meus pais, na Glória. Não ligo para chuva, mas, assim que pus o pé na calçada, algo se espatifou ao meu lado. **Era** um pingo, com o diâmetro e a força de um balde sendo despejado. **Começava** ali um dos maiores temporais da história do Rio.

Choveu forte, grosso e sem parar por 60 horas. Depois saberíamos que, apenas nas primeiras 36, tinham sido 500 milhões de metros cúbicos de água - 15 vezes a capacidade da lagoa Rodrigo de Freitas, 300 vezes a do Maracanã. Colapso nos transportes, luz, elevadores, telefones, comércio, bancos, abastecimento, água. Os desabamentos, 1.500 no total, **aconteciam** a toda hora e em toda parte. Barracos, sobrados e até encostas **despencavam** sobre a enxurrada.

Na manhã de quinta, a chuva finalmente parou. O sol fez as primeiras caretas e a cidade iniciou a contabilidade: 300 mortos, 25 mil desabrigados, prejuízo bárbaro. As águas baixaram e surgiu a lama. Começaram a lavagem, a vacinação contra o tifo e a varíola, o racionamento de energia. Meu cursinho pré-vestibular **ficava** no 19º andar, **eram** 19 andares diários a pé.

O Carnaval seria dali a um mês. Haveria clima? Falou-se em adiamento. Mas onde já se viu adiar o carnaval? Com as ruas limpas, o comércio reaberto e uma sensação coletiva de renascimento, os blocos, as escolas e os clubes prometeram um grande Carnaval. A jovem Banda de Ipanema tomou as ruas e a Portela venceu na avenida com “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Paulinho da Viola. Os bailes ferveram. Nenhuma marchinha emplacou, mas dois sambas ficaram para sempre: “Tristeza”, de Haroldo Lobo e Niltinho, e “Vem chegando a Madrugada”, de Adil de Paula e Noel Rosa de Oliveira. Valeu.

*Folha de São Paulo, sábado, 06 de fevereiro de
2010. Caderno Opinião.*

Em relação aos textos literários examinados, houve um total de 72 verbos no pretérito imperfeito do indicativo. Desse total ($51/72=70,83\%$) foram associados à modalidade *narrativa*, ($14/72=19,44\%$) à modalidade *descritiva* e ($7/72=9,73\%$) a ambas as modalidades.

O percentual elevado de ($70,83\%$) de verbos no pretérito imperfeito encontrados nos textos analisados, cujo gênero é a crônica literária e o tipo textual é a narração, evidencia que o pretérito imperfeito é o tempo do mundo narrado, conforme afirma Weinrich (*apud* KOCH 2003:54).

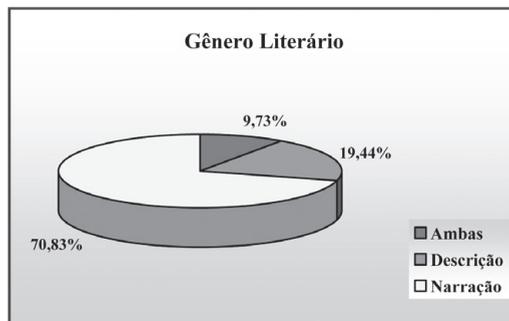


Gráfico (2)

Isso, também, é o que considera Cunha e Cintra (1985:439-431), pois para esses gramáticos o pretérito imperfeito é o tempo que “[...] encerra uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos [...]”, por isso tanto atende às descrições quanto às *narrações*.

De acordo com esses autores, o imperfeito na condição de narração “[...] serve *menos* (grifo nosso) para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias”, logo se verifica que ele é visto, ainda, como o tempo da descrição. Essas afirmações são corroboradas por meio dos índices apurados nas análises da atuação do pretérito imperfeito nas crônicas literárias que foi de ($19,44\%$).

Nesta investigação, pôde-se constatar, também, que o pretérito imperfeito é tanto um tempo verbal próprio do mundo narrado quanto do mundo comentado.

A crônica literária, abaixo, caracteriza a apuração dos percentuais obtida com a atuação do pretérito imperfeito nas crônicas analisadas.

Prova Falsa

Quem teve a idéia foi o padrinho da caçula - ele me conta. Trouxe o cachorro de presente e logo a família inteira se apaixonou pelo bicho. Ele até que não é contra isso de se ter um animalzinho em casa, desde que seja obediente e com um mínimo de educação.

— Mas o cachorro era um chato — desabafou.

Desses cachorrinhos de raça, cheio de nhém-nhém-nhém, que comem comidinha especial, precisam de muitos cuidados, enfim, um chato de galocha. E, como se isto não bastasse, **implicava** com o dono da casa.

— **Vivia** de rabo abanando para todo mundo, mas, quando eu **entrava** em casa, **vinha** logo com aquele latido fininho e antipático de cachorro de francesa.

Ainda por cima **era** puxa-saco. **Lembrava** certos políticos da oposição, que espinafra o ministro, mas quando estão com o ministro ficam mais por baixo que tapete de porão. Quando **cruzavam** num corredor ou qualquer outra dependência da casa, o desgraçado **rosnava** ameaçador, mas quando a patroa **estava** perto **abanava** o rabinho, fingindo-se seu amigo.

— Quando eu **reclamava**, dizendo que o cachorro era um cínico, minha mulher **brigava** comigo, dizendo que nunca houve cachorro fingido e eu é que **implicava** com o “pobrezinho”. Num rápido balanço poderia assinalar: o cachorro comeu oito meias suas, roeu a manga de um paletó de casimira inglesa, rasgara diversos livros, não **podia** ver um pé de sapato que **arrastava** para locais incríveis. A vida lá em sua casa **estava** se tornando insuportável. **Estava** vendo a hora em que se **desquitava** por causa daquele

bicho cretino. Tentou mandá-lo embora umas vinte vezes e **era** uma choradeira das crianças e uma espinhação da mulher.

— Você é um desalmado — disse ela, uma vez.

Venceu a guerra fria com o cachorro graças à má educação do adversário. O cãozinho começou a fazer pipi onde não **devia**. Várias vezes exemplado, prosseguiu no feio vício. Fez diversas vezes no tapete da sala. Fez duas na boneca da filha maior. Quatro ou cinco vezes fez nos brinquedos da caçula. E tudo culminou com o pipi que fez em cima do vestido novo de sua mulher.

— Aí mandaram o cachorro embora? — perguntei.

— Mandaram. Mas eu fiz questão de dá-lo de presente a um amigo que adora cachorros. Ele está levando um vidão em sua nova residência.

— Ué... mas você não o **detestava**? Como é que arranjou essa sopa pra ele?

— Problema da consciência — explicou: — O pipi não era dele.

E suspirou cheio de remorso.

PONTE PRETA, Stanislaw. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, p.51.

6. Considerações finais

Ao final do presente estudo, após investigar o pretérito imperfeito do indicativo utilizado ora como descritivo, ora como narrativo em domínios linguísticos específicos: literários e jornalísticos, tendo por base a teoria discursiva da temporalização, foi possível confirmar que o referido tempo é empregado tanto no mundo comentado quanto no mundo narrado.

A relevância que se pode imputar a este trabalho é o fato de se constatar, através das análises dos textos selecionados, as várias manifestações do pretérito imperfeito em diferentes gêneros textuais, ora com características descritivas, ora com características narrativas. Também evidenciam-se características descritivas e narrativas, simultaneamente,

em um mesmo gênero textual. Tal relevância é, a nosso ver, uma agenda investigativa importante para os estudos dessa temporalidade verbal, evidenciada neste Artigo.

7. Referências bibliográficas

ARISTÓTELES (1999). Poética. In: ___. *Os pensadores: Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, p. 37-75.

AZEVEDO, Ivete Monteiro de (2008). *A expressão do tempo no romance histórico: um estudo em Boca do Inferno de Ana Miranda*. 2008. 294f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BECHARA, Evanildo (2006). *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.

BENVENISTE, Émile (1989). *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes.

CASTRO, Ruy. Depois da chuva. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1705201001.htm>. Acesso em: 6 fev. 2010.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales (2005). *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial.

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Luiz Filipe Lindley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ELIAS, Norbert (1998). *Sobre o tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FIORIN, José Luiz (2002). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.

KOCH, Ingedore Villaça (2003). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.

Lista de árvore em risco existe desde 2009. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 de fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1705201001.htm>. Acesso em: 6 fev. 2010.

MACEDO, Walmirio (1991). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença Edições.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2002). *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. Na zona oeste, árvore tomba e impede advogada de sair de casa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 de fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1705201001.htm>. Acesso em: 6 fev. 2010.

PONTE PRETA, Stanislaw (1964). *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

SABINO, Fernando (1960). *O homem nu*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

WEINRICH, Harald (1968). *Estructura y funcion de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos.

